

BNDES pretende vender R\$ 100 bi em participações

Gustavo Montezano quer 'redimensionar' o banco e explicar 'caixa-preta'

BRASÍLIA O novo presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), Gustavo Montezano, 38, disse nesta terça-feira (16) que assume a instituição com metas que incluem a venda de até R\$ 100 bilhões de participações detidas em outras companhias.

O foco será se desfazer de ações que gerem um retorno apenas financeiro, e não também social. Segundo ele, o banco pode continuar investindo em ações de empresas caso seja seguida essa lógica.

O ritmo das vendas vai considerar o valor dos ativos no momento da transação para que o banco não deixe de ganhar recursos, diz ele.

Montezano fez um discurso que procurou mostrar alinhamento com o presidente Jair Bolsonaro e com a equipe econômica ao citar a chamada "caixa-preta" da instituição.

Ele afirmou que explicar esse tema será sua primeira meta, mas não foi assertivo sobre eventual existência de problemas no banco.

"Não tenho opinião formada sobre o tema. Estou vindo com a cabeça aberta sobre o conteúdo das informações que estão lá e estou pedindo prazo de dois meses para formar uma opinião."

Ele afirmou ainda que devolverá R\$ 126 bilhões em empréstimos ao Tesouro neste ano e um total de R\$ 270 bi-



Montezano abraça o ministro Paulo Guedes em posse Ricardo Botelho/Brazil Photo Press/Folhapress

lhões até o fim do mandato.

O banco será redimensionado para se voltar a assuntos como privatizações, afirma Montezano.

"O BNDES do futuro será um banco de serviço do Estado brasileiro, ajudando em privatizações, concessões, de investimentos."

Em discurso na posse de Montezano, Bolsonaro salientou a relação que tem com ele desde que o novo presidente do BNDES era criança.

"Como um morador do condomínio, acompanhava as atividades deles todos e vi que daquela garotada (...) temos um presidente do BNDES, um senador [Flávio Bolsonaro (PSL-RJ)], e também, se Deus quiser, um embaixador na potência mais importante do mundo [o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP)]."

O ministro da Economia, Paulo Guedes, disse que o projeto do governo é "desestatizar o mercado de crédito brasileiro" e devolver recursos ao Tesouro.

Também afirmou que o BNDES terá como metas acelerar parcerias público-privadas, além de financiar projetos de saneamento e atuar na reestruturação das finanças de estados e municípios.

Fábio Pupo, Gustavo Uribe e Daniel Carvalho

Metas são ousadas e precisam de estudos, dizem especialistas

SÃO PAULO As metas do novo presidente do BNDES, Gustavo Montezano, de devolver R\$ 126 bilhões em empréstimos ao Tesouro neste ano e vender até R\$ 100 bilhões em participações da carteira do banco são classificadas co-

mo audaciosas, mas realizáveis, por especialistas.

"Montezano tem experiência pesada no setor privado e tentará usar essa lógica para imprimir a velocidade das operações privadas. É um ambiente completamente diferente do público, precisará de uma boa programação e uma curva de prioridades", diz Mauro Penteado, sócio do escritório Machado Meyer.

É preciso fazer um diagnóstico de quais ativos têm liquidez, lucratividade e atratividade de mercado, segundo ele.

"As vendas devem ser em pacotes seriados, que podem ser absorvidos pelo mercado, de R\$ 10 bilhões, por exemplo."

"Provavelmente teremos a venda de ativos bem avaliados combinados com outros não tão bons", diz o advogado Hélio Nicoletti, do escritório Chiarotino e Nicoletti.

Caso contrário, diz ele, participações de empresas com problemas de rentabilidade ou governança, por exemplo, podem encaixar.

"É perfeitamente adequado se desfazer dessa carteira porque, mesmo que tenha papéis que rendem, esse capital público imobilizado tem um custo, poderia ser usado em financiamentos de atividades que gerem inovação, por exemplo", diz Sérgio Lazzarini, professor do Insper.

É preciso ter, contudo, cuidados técnicos para não inundar o mercado de capitais com os papéis, diz ele.

Com o aumento dos repasses ao Tesouro, o BNDES deverá ter novas reduções no orçamento.

"O banco vai ter de se dedicar mais a áreas importantes do ponto de vista social, como o saneamento, mas que o mercado não consegue financiar", diz Lazzarini.

Ivan Martínez-Vargas